

Senegaleses no norte do Rio Grande do Sul: integração cultural, trabalho e dinâmica migratória internacional

João Carlos Tedesco*
Denize Grzybowski**

Resumo

O artigo analisa aspectos sobre a presença de imigrantes senegaleses na região de Passo Fundo - RS, dando ênfase particular ao horizonte do trabalho e aos processos de integração social que essa realidade nova está produzindo. O fluxo migratório atual de africanos para o Brasil foi estimulado pela “lei da anistia” e evidencia a presença deste país num processo macroestrutural de reestruturação produtiva internacional. Em termos teóricos, o debate em torno das migrações internacionais é um fenômeno social “natural”, inerente ao comportamento humano, mas encontra-se limitado às imposições do Estado, que tem poderes de permitir ou não alguém de cruzar sua fronteira (limites territoriais), bem como às limitações culturais de pertencer e de ser aceito. Para ilustrar a questão teórica, realizou-se uma pesquisa de campo em Passo Fundo com migrantes senegaleses, na segunda metade

de 2010, com abordagem qualitativa dos dados. Os resultados indicam que a presença de senegaleses nessa região é recente e o grupo de imigrantes não está muito integrado em termos culturais à sociedade regional, mas, sim, ao mundo do trabalho.

Palavras-chave: Integração social. Senegaleses. Trabalho.

* Professor do Programa de Mestrado em História da Universidade de Passo Fundo. Doutor em Ciências Sociais. E-mail: <jctedesco@upf.br>. Telefone para contato: (54) 3315 7557.

** Mestre em Dirección y Organización de Empresas - Universidad Museo Social Argentino (1998) e Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras, com tese em empresa familiar. Atualmente é professora Titular na Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis, na Universidade de Passo Fundo, pesquisadora no Centro de Pesquisa e Extensão da Feac. E-mail: gdenize@upf.br. Telefone (54) 3316-8245.

Recebido: 28/05/2011 – Aprovado: 30/08/2011

Introdução

O tema das migrações internacionais vem ganhando espaço acadêmico, repercutindo no meio social, cultural, sendo central na esfera política de vários países que as têm em seu interior. Quantidade de fluxos, tipos de imigrantes, nacionalidades, formas de deslocamentos, legislações, causalidades, controles e gerenciamentos, consequências do processo, problemas de ordem cultural, religiosa, econômica e social, dentre outras, marcam esse grande interesse temático. O tema é central também no Brasil, em várias áreas do conhecimento, em razão de o país vivenciar aspectos dessa realidade de imigrantes e de emigrantes.

Numa sociedade global, em meio aos inúmeros fluxos que atravessam o mundo de forma mais livre (dinheiro, mercadorias, informações), as pessoas encontram barreiras, impedimentos e fronteiras múltiplas. Há uma complexa rede social e política que impede e outra que adota estratégias de ação para enfrentar processos limitadores de inserção de pessoas em cenários de atração econômica. Há, nesse sentido, globalizações, as quais envolvem micro e macroprocessos, alguns visíveis e que chamam a atenção, outros invisíveis e que atuam em horizontes submersos, clandestinos e informais. Há impedimentos antes mesmo da entrada nos espaços de destino, como os evidenciados nas chacinas ocorridas no nordeste do México em 2010, os já históricos no norte do continente Africano em direção à Itália, e nesse momento muito mais em

razão da onda revolucionária do campo político na Tunísia, Egito, Líbia e Síria.

O mercado de trabalho é ainda o elo irradiador da atração e das expulsões; melhorar as condições econômicas é o desejo de grande parte dos imigrantes. É o ponto central tanto da oferta quanto da demanda por imigrantes (CARDO-SO, 2002). Essa esfera transcende canais políticos e culturais. Por isso, o fenômeno migratório deve ser visto como um “fato social” amplo, “totalizante” do mundo atual, de experiências humanas de mudanças sociais (aspirações, emancipações) que refletem múltiplas relações, dimensões políticas, religiosas e identitárias de ambas as sociedades envolvidas. É uma dinâmica que não possui um só vetor e nem um só espaço e tempo; alimenta-se por múltiplos processos do mundo contemporâneo.

O Brasil, país de imigrantes por excelência, da chamada “velha e grande imigração”, está ganhando, nas últimas décadas, características de um país de emigrantes; calcula-se que mais de quatro milhões de brasileiros formam o quadro emigratório do país (SALES; REIS, 1999). Porém, novos fluxos de imigrantes, de regiões da América Latina e da África em especial começam a fazer parte do quadro dos novos imigrantes no interior do país. A dinâmica norte-sul dos fluxos, que sempre a caracterizou, está também sendo ampliada pela sul-sul. Fala-se pouco nesse sentido, pois ainda são muito invisíveis, bastante distribuídos nas regiões, alguns (bolivianos, equatorianos e africanos) mais concentrados em São Paulo.

O presente texto, que tem como objetivo apresentar uma visão geral da dinâmica e das dimensões de um novo fluxo de imigrantes no Brasil, especificamente de senegaleses na região de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul. É uma primeira aproximação ao tema no contexto regional e um convite à reflexão sobre fluxos migratórios na contemporaneidade. O conteúdo está estruturado em quatro partes, além desta introdução. A primeira apresenta os aspectos gerais da migração internacional, enfatizando a dinâmica dos fluxos migratórios contemporâneos e as motivações orientadas pelo processo macroestrutural de reestruturação produtiva. A segunda parte descreve as questões metodológicas que orientaram a pesquisa empírica, bem como suas limitações. A terceira parte apresenta os dados relativos à dinâmica de inserção, convivência e integração dos senegaleses na região de Passo Fundo, às relações de trabalho do imigrante, os ganhos financeiros e o desejo de empreender como elementos que alimentam a decisão de imigrar. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Aspectos gerais da migração internacional

Os fluxos migratórios contemporâneos evidenciam um movimento sociológico, econômico e antropológico complexo, apontam contradições das relações internacionais em diferentes países, seja em termos históricos, seja contemporâneos. O atual fluxo migratório, esti-

mulado pela “Lei da Anistia” (BRASIL, 2009), evidencia o Brasil presente num processo macroestrutural de reestruturação produtiva no contexto internacional de uma das etapas da globalização (PATARRA, 2006). Sabemos que na atual realidade global, os territórios se alargam, os indivíduos se sentem volantes/globalizados, porém, ser globais não significa ausência de problemas, limites, sofrimentos/conflitos/discriminação e diferenças. Há, inclusive, quem diga que ao nos tornarmos mais globais, os sistemas de segurança e controles se tornam também mais aperfeiçoados e com mais intensidade produzidos (PALMAS, 2004), ou seja, sistemas de exclusão, discriminação e exigências são impressas na mesma medida da possibilidade de integração e contatos (LOCHAK, 2008). O aumento da “liberdade de ir e vir” das pessoas (ressalva-se a relatividade disso tudo) vem acompanhado de maior ausência de possibilidade de contatos (MEIHY; BELLINO, 2008). Identidades vão se revelando e se mesclando, resistências e fechamentos vão se produzindo na sua concomitância. As fronteiras geográficas produzem territórios mais amplos, diversificados e complexos. A ideia de cidadania tem muito a ver ainda com a noção de nacionalidade (Estado nação), porém isso não dá conta da realidade que se apresenta no cenário migratório internacional. A cidadania é um conceito multidimensional, “que exprime contemporaneamente um *status*, uma atividade, uma identidade que se traduz em um passaporte, certo, mas também, em um direito social e um instituto de *welfare*” (PROCACCI, 2009,

p. 412). Portanto, a cidadania implica processo de integração, reconhecimento de direitos sociais, políticas de reconhecimento social (educação, trabalho, serviços) e do Estado nação que ainda resta.

Não se pode mais olhar as migrações sem ter presente os cenários de origem, as causalidades e as situações que norteiam as emigrações. Horizontes amplos se interligam nesse sentido, instituições e campos variados se inserem na temática, políticas de desenvolvimento econômico e social ganham novos contornos com o aumento e repercussão dos fluxos em ambos os espaços (MARTES; SOARES, 2006; MEIHY; BELLINO, 2008).

As sociedades ricas dependem cada vez mais de imigrantes e as pobres passam a ser viveiros destes; há um grande consumo de imigrantes, de um lado, e grande oferta, de outro; nessa lógica, as dinâmicas não obedecem aos fatores de mercado como o são na esfera mercantil. As categorias são as mesmas, mas as relações não. Os imigrantes são força de trabalho. É esse horizonte que os identifica e que condiciona sua existência baseada nos pressupostos mercantis: otimização, usufruto e lucro. O imigrante só tem sentido pelo trabalho, deve ser funcional aos setores produtivos. Esse é o horizonte integrativo na concepção de quem os hospeda (SAYAD, 2008). Porém, são pessoas que migram e, não só braços; daí é que o conflito e as tensões cotidianas se constituem (RIBERT, 2006).

Nesse debate, é preciso incluir direitos humanos e identidade de cidadão,

que permanecem fundamentalmente interligados, assim como questões econômicas (PATARRA, 2006). Migrar implica questionar-se a respeito das implicações dos fluxos de remessas e transferências de competências e tecnologias de um país a outro ou da perda de talentos e/ou da insuficiente atenção ao desenvolvimento de oportunidades de trabalho e renda no país de origem (TOLENTINO, 2009). Essas são questões fundamentais que incluem os limites do comportamento empreendedor (FILLION, 1991) de um povo que, em busca de sua sobrevivência e de sua família, migra.

A questão dos direitos, da cidadania, da moradia e do asilo para imigrantes continua na pauta do fenômeno migratório internacional. São todas questões ligadas à inclusão social do imigrante que, na realidade, continua sendo precária (TOLENTINO, 2009).

Dados do Ministério do Trabalho e Emprego apontam que as autorizações de trabalho a estrangeiros cresceu 53,52% de 2006 a 2010; em 2010, até 30 de setembro, havia sido concedidas 39.057 autorizações contra 25.440 concedidas em 2006. Nos anos 2008 e 2009, quando vigorou o prazo para o pedido de concessão de residência provisória aos estrangeiros em situação irregular (BRASIL, 2009), foram concedidas, respectivamente, 43.993 e 42.914 autorizações.

Do total de autorizações de trabalho concedidas a estrangeiros em 2010, Estados Unidos, Filipinas, Reino Unido, Alemanha, Índia e China são os países mais representativos (48,59%). Entre os países da América do Sul, a Colômbia

enviou maior número de profissionais ao Brasil (692), seguida da Argentina (482), Venezuela (433), Peru (426) e Chile (241). Entre os países africanos, os oriundos da África do Sul são a maioria, porém, mesmo assim, representam apenas 0,53% do total. Em 2010, os destinos preferidos pelos estrangeiros africanos foram Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul.

Quanto aos africanos, constituem atualmente 9% da população mundial que migra internacionalmente (TOLENTINO, 2009). Muita dessa emigração é fruto de conflitos internos e que, no contexto contemporâneo, passaram a ter como destino países da América do Sul. No Brasil, muitos africanos encontravam-se ilegais até 2009. Motivados pela nova postura do governo brasileiro nas relações com países africanos (lei nº 11.961/09), os africanos passaram a ter residência provisória no Brasil. A realidade por nós pesquisada possui relação com essa questão política de regularização aos imigrantes de alguns países do referido continente.

Questões metodológicas de pesquisa

A presente pesquisa foi desenvolvida no nível exploratório (GIL, 1999), com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, do fenômeno social, com vistas a aprofundamento em estudos posteriores. O espaço da pesquisa foi delimitado pela comunidade de senegaleses na região de Passo

Fundo (Centro-Norte do Rio Grande do Sul). É uma imigração recente no interior do país e, em particular, para a região em questão. A trajetória migratória para essa região é fruto de articulações que os imigrantes imprimem para objetivar regularização e trabalho. Há trajetórias produzidas a partir de São Paulo, Paraná, de Buenos Aires passando por Santa Maria - RS, outras ainda diretamente do Senegal, mas que, em termos de moradia, concentram-se em Passo Fundo.

Tendo como fonte de dados os imigrantes, optamos pelo delineamento de uma pesquisa do tipo “estudo de campo” (GIL, 1999), por ser mais flexível e permitir fazermos mais observação da comunidade de senegaleses, com vistas a compreender a estrutura de poder, as formas de associação e outros elementos do cotidiano de imigrante. Desse modo, os questionamentos giraram em torno das trajetórias que viabilizaram senegaleses na região e, em particular, em Passo Fundo, sua organização de vida, processos integrativos em termos sociais, laborais e culturais, imagens e idealizações produzidas pelos mesmos nessa região, como empresários os incorporam em seu quadro funcional, bem como sua performance no interior das empresas.

Para objetivar e viabilizar os temas indicados anteriormente em nossa análise empírica (realizada nos meses de outubro de 2009, junho e setembro de 2010 e março de 2011), servimo-nos de entrevistas diretas (questionários fechados, conversas informais nas ruas da cidade quando encontrados, entrevistas

diretas e na forma coletiva em locais de moradia de um grupo em Passo Fundo). Buscamos várias formas de acesso aos imigrantes no sentido de obter informações, distribuir questionários, conversar mais diretamente sobre sua realidade em Passo Fundo e região.

Enfatizamos que vários foram os limites na efetivação da pesquisa de campo. Os questionários entregues aos imigrantes não se mostraram eficazes, pois, segundo argumento de um de seus líderes (o qual nos serviu sempre de intermediário), havia desconfiança dos que os receberam, diante dos objetivos da pesquisa e do não entendimento do idioma. Então optamos por estabelecer um diálogo em francês, língua na qual todos eram proficientes. Essa estratégia também mostrou-se limitada, pois os senegaleses têm por hábito falar ao mesmo tempo e, por vezes, usando o dialeto senegalês. Buscamos, então, construir um espaço interativo de constantes visitas a pousadas, onde os imigrantes se estabeleciam em maior grupo. Estivemos nesses espaços em cinco oportunidades, quase sempre mediadas por um líder do grupo que fala português e que exerce grande influência no campo espiritual e de mediação nas colocações de conacionais em espaços de trabalho. Essa estratégia se revelou frutífera pela sua dimensão coletiva (em duas oportunidades havia mais de vinte pessoas presentes nas entrevistas), pelo diálogo produzido, pelo confronto de ideias e interpretações em torno da realidade vivida por eles. Esses encontros coletivos permitiram compreender aspectos das trajetórias, inserções, integrações, expectativas,

limites e problemas enfrentados por eles. Na realidade, ficávamos muito dependentes dessa liderança em razão de que seus colegas raramente concediam entrevistas sem a sua presença.

Tivemos de encontrar outras estratégias de contato, aleatoriamente nas ruas e em empresas, porém, essas também não se mostraram tão frutíferas em razão da ausência de maior interconhecimento, de confiança recíproca e por não serem espaços de melhor efetivação para entrevistas. Contatamos também com imigrantes em outras cidades da região de Passo Fundo – Getúlio Vargas, Marau, Erechim e Nova Araçá –, em particular no interior de empresas e junto a vendedores que circulam pelas ruas e casas dessas cidades. Fizemos pesquisa junto ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e Polícia Federal/Regional de Passo Fundo, não sendo possível obter dados estatísticos mais precisos em razão da precariedade dos registros, em nível de Brasil, da situação legal e funcional dos imigrantes, bem como, em nível interno, da intensa rotatividade de imigrantes (uns chegam, outros saem), justificada pela obtenção ou não de trabalhos na região, de redes e vínculos que os constituem no interior/ exterior ao grupo existente.

Nesse sentido, ficamos sem muitas possibilidades para tabular dados estatísticos mais efetivos e representativos no que se refere às variáveis que havíamos nos proposto analisar. Optamos, então, por uma análise mais qualitativa, narrativa de processos evidenciados, apreendidos pelas entrevistas abertas e dialogais que produzimos. Reconhecemos que tive-

mos um terreno difícil para pesquisar em razão de um conjunto de processos, talvez por ser ainda uma realidade nova vivida por nós (pesquisadores) e pelos próprios imigrantes na região. Buscamos, ainda assim, construir um “quadro mínimo” que, acreditamos, nos deu condições de visibilidade de aspectos que constituem seu cotidiano nessa região.

Os senegaleses na região de Passo Fundo: inserção, convivência e integração

No acervo de entrevistados, constatamos que a maioria dos senegaleses não tem domínio do português, fala pouco em francês e, quando estão reunidos, falam em dialeto regional. No trabalho, muitos deles revelaram que tentam se entender “por gestos”. Tal informação é confirmada por um empresário de Getúlio Vargas que emprega nove estrangeiros (cinco senegaleses e quatro de Gana): “Todos trabalham bem, são prestativos. No início o problema foi o idioma. Depois, com gestos, a gente foi se entendendo.”

Não foi possível definir o número exato dos imigrantes. Fomos informados pela liderança deles de que havia em torno de duzentos na região de Passo Fundo, mas que teve períodos que havia mais de trezentos. “Só aqui nessa casa já passou mais de cem”, disse-nos seu líder, informação essa confirmada por uma funcionária da pousada. Alguns imigrantes estão na região há, aproximadamente, dez anos, mas a maioria migrou em períodos recentes, não mais do que quatro a cinco anos.

De acordo com a unidade regional do Departamento da Polícia Federal, Passo Fundo registrou a passagem de 380 africanos entre julho e dezembro de 2009, tempo determinado pela “Lei da Anistia” (BRASIL, 2009). Os motivos de estarem em Passo Fundo são variados, mas a maioria deslocou-se de São Paulo após receber informação de contrerrâneos que estavam trabalhando num abatedouro de aves, em Nova Araçá - RS. A informação que passou a circular, em nível de Brasil, entre imigrantes senegaleses é de que em Passo Fundo seria possível agilizar a documentação para a estada provisória no país. Essa informação também foi corroborada por funcionários da Delegacia da Polícia Federal em Passo Fundo. Então, a partir dessa realidade e possibilidade no campo da regularização, iniciou-se intenso fluxo migratório e imigratório da referida nacionalidade, fato esse que se somou à possibilidade de obtenção de empregos em frigoríficos e empresas do setor metal-mecânico.

Como as delegacias da Polícia Federal na região são relativamente pequenas, e o atendimento é feito rapidamente, os senegaleses viajaram até aqui para se regularizarem o mais rápido possível, para que pudessem ter carteira assinada, documento de identidade e tudo o que lhes cabe por direito. Além de Passo Fundo, estes africanos foram para Caxias do Sul, Santa Maria e Santo Ângelo [...]. O número dos que continuam residindo em Passo Fundo é incerto, pois não se sabe se alguns retornaram a São Paulo ou algum outro lugar do país, ou se permaneceram na cidade (Delegacia da Polícia Federal em Passo Fundo. Entrevista direta).

Muitos senegaleses afirmaram ter vindo direto da Argentina a Passo Fundo, com o objetivo de morar e trabalhar. Há canais/redes/territórios diversos que produzem e alimentam os fluxos; são redes constituídas por fatores de localização, regionalização, amizade, interconhecimento. Entendemos as redes no processo migratório como circulares; há pontos de origem e de destino; os de destino podem servir de origem para novos elementos constituidores de vínculos e que lhes dão continuidade. As redes podem começar ainda no espaço de origem dos fluxos e irem se constituindo para frente, a partir de fatores informais e formais (no campo empresarial, religioso, cultural e político), produzidos em razão das relações que o processo migratório exige e demanda, bem como da realidade da identidade do imigrante e de seus vínculos com o espaço de origem (FUSCO, 2001).

As redes constituem-se de relações sociais e interações interpessoais entre imigrantes, esses com não imigrantes, tanto das áreas de origem quanto com as de destino, por meio de vínculos que se manifestam por múltiplos horizontes. Isso demonstra a complexidade do conceito, dos múltiplos processos que o compõem, de variabilidade dos elementos constituídos e que o processo migratório produz (AMBROSINI, 2008; DECIMO, 2005; FUSCO, 2001). As redes de conacionais e de grupos dos locais de origem passam a ser um grande recurso de capital social que o imigrante necessita e também incorpora.

Vimos em nosso estudo a importância dessas redes para serem viabi-

lizadas trajetórias migratórias até a região de Passo Fundo nos espaços de moradia e trabalho. Muitos deles se identificam por uma região no Senegal. Nesse sentido, vimos que são grupos de origem variada em termos de regiões no seu país. Há situações legais também não homogêneas. Todos são praticantes da religião islâmica e, assim, passam a ser mão de obra demandada pelos frigoríficos de aves, pois na região de Passo Fundo há vários grandes frigoríficos de aves que exportam carnes aos países árabes que seguem a religião islâmica. Estes requerem a certificação Halal (BRASIL, 2009b) para comprovar o processo de matança dos animais.

Um empresário de Nova Araçá entrevistado nos disse:

Em torno de 21 homens e nenhuma mulher estão contratados aqui [...]; são 16 funcionários, sua função é a 'sangria', isto é 'matar o frango', os outros cinco são supervisores de abate. O frango é obrigatório morrer na mão de um muçulmano [...]. O frango, na hora da sangria, tem que estar direcionado para Meca.

Desse modo, a região de Passo Fundo tornou-se atraente para os senegaleses em razão da possibilidade da agilidade nos trâmites burocráticos legais de imigração e facilidade em conseguir trabalho. Muitos informaram, em entrevistas coletivas, que as "redes de conhecidos" foram sendo produzidas a partir da Associação de Senegaleses em formação na cidade.

Ao que pudemos constatar, há presença de senegaleses em diferentes setores da atividade econômica, com des-

taque para a construção civil, indústria metal-mecânica, frigoríficos, pizzaria, padaria, funilaria e construção de estradas de asfalto, porém, ressaltando que há entradas e saídas constantes de imigrantes em outros setores também. Empresários informaram-nos que os senegaleses procuram as melhores oportunidades de trabalho e, quando as encontram, simplesmente migram pela região. Podemos constatar tal situação quando acompanhamos um empresário até uma das pousadas, num sábado à tarde, para que pudesse conversar com alguns deles e contratá-los. Imediatamente eles o cercaram e juntos exploraram os benefícios econômicos e financeiros (salário, moradia, alimentação, transporte, outros) que teriam caso aceitassem a proposta. Mesmo trabalhando em outra empresa, afirmaram: “Podemos começar segunda-feira.” Esse comportamento gera insegurança aos empresários. “Dos três que foram contratados, apenas um permanece na empresa e não sabemos por quanto tempo, devido aos costumes deles de não permanecerem por muito tempo num mesmo lugar e inclusive voltar para seu país de origem” (empresário de Erechim entrevistado).

A maioria dos senegaleses em Passo Fundo é constituída por homens solteiros, entre 25 e 40 anos, oriundos de pequenas cidades do Senegal (alguns são da capital Dakar). Ao final de 2010, havia cinco mulheres senegalesas no grupo, sendo quatro casadas, três estavam acompanhadas dos maridos. A maior parte dos migrantes tinha experiência em seu país em atividades agrí-

colas e de comércio. No entanto, vimos que muitos também são portadores de habilidades técnicas para o exercício de profissões, como pedreiro, carpinteiro, soldador, motorista, mecânico, padeiro. No exercício dessas profissões, a maioria dos entrevistados idealiza permanecer no Brasil, em média, de três a quatro anos, alguns pretendem trazer esposas e fixar moradia no Brasil. Muitos emigraram sozinhos, estimulados pelas informações recebidas dos que por essa região passaram, ou estão há mais tempo, evidenciando uma dinâmica de fluxos (chegada e saída) em vários espaços na região.

Percebemos pelas entrevistas e alguns questionários retornados que a maioria revela satisfação pelo trabalho. Afirmam que ainda que o salário seja baixo no Brasil é melhor que no Senegal: “Senegal não dá”; “aqui mais trabalho”; “Senegal difícil”. Quando questionados sobre suas atividades produtivas no Brasil, eles declaram que conquistar um emprego aqui é fácil, mas “está difícil ser valorizado pela qualidade do trabalho” que prestam. Mesmo assim consideram vantajoso permanecer aqui e reunir o máximo possível de recursos financeiros para só então retornar ao Senegal.

Em termos econômicos, os senegaleses apresentam comportamento empreendedor, assumindo riscos, comercializando bijuterias, aceitando empregos temporários para constituir fundos e realizar projetos de vida, como “retornar ao Senegal”, “constituir seu próprio empreendimento no Senegal”, “sustentar família no Senegal”. O fluxo de re-

messas financeiras e o desenvolvimento de competências dos que passaram por Passo Fundo confirmam essa perspectiva. Os imigrantes provocam algumas situações novas, interesses e dúvidas em razão de suas presenças; instituem-se redes informais de (entre)ajuda e consolidam dinâmica que integra e identifica a migração de senegaleses no Brasil.

Em termos culturais, os senegaleses conservam os hábitos religiosos, alimentares e de convivência em grupos, além da cordialidade e espontaneidade. Conservam a hierarquia familiar, permanecendo em pé quem é mais novo, seja nos espaços de convivência (sala, cozinha), seja na calçada, em frente aos espaços de maior concentração deles nas moradias. Os entrevistados, de forma unânime, manifestam não se sentirem integrados na comunidade regional fora do âmbito pragmático do trabalho. Sentem, sim, o estranhamento mesclado com curiosidade pelos que os cercam e os veem. Uma responsável pelos recursos humanos de uma das empresas que entrevistamos revelou-nos, manifestando inclusive certo preconceito, que “é um povo de pouca confiança, pois entram e saem da empresa como tempo mínimo de trabalho; também você não sabe onde moram no Brasil e se têm família. Difícil confiar, né”. Um entrevistado afirmou que “sai daqui pra trabalhar, retorna pra casa, nessa, é comer, orar e dormir; é sempre assim”.

A comunidade insiste para que sejam propiciadas condições para a construção de um templo/mesquita, para viabilizar a integração dos imigrantes e, quem sabe, inserir interessados “em conhecer nossa religião”. O principal líder

desse grupo que o campo religioso permitiria produzir coesão/integração, consolação moral em razão das condições objetivas de vida de um imigrante distante de seus familiares e de seu país.

Pudemos perceber que, praticamente, não há lazer coletivo, nem espaço específico para tanto; em momentos de não trabalho, telefonam para amigos e familiares no Senegal e no Brasil, assistem televisão e escutam música. A ausência de contato com a comunidade produz distanciamento, indiferença (de ambos os lados) e ausência de fatores integrativos. Autores colocam que não basta simplesmente adquirir algumas informações sobre usos, costumes ou apreensão de línguas estrangeiras para se fazer intercultura; deve-se adentrar, sim, para as problemáticas cognitivas, afetivas, sociais, desenvolver um pensamento aberto, inclusivo, que valorize os comportamentos reconhecidos no diálogo e no encontro (BECCEGATO, 1995; SAYAD, 2008). As identidades e identificações que são produzidas no interior das sociedades hospedeiras se constroem ou reconstroem pelos autóctones e estrangeiros também a partir de referenciais simbólicos (MEIHY; BELLINO, 2008). Um dos líderes dos senegaleses, ao nos despedirmos numa das entrevistas coletivas, disse-nos que gostaria que os víssemos como trabalhadores, “que não estamos aqui pra tirar emprego de ninguém, não viemos para roubar nada; queremos trabalhar, orar e dar graças a Deus por estarmos bem, para mantermos nossas famílias”, concluindo, “pra Deus somos todos seres humanos e iguais”.

Acima de tudo, é importante não esquecer, em termos estruturais e sociais, que a reprodução do capital continua necessitando do trabalho para maximizar sua racionalidade de acumulação, inclusive ampliando o número de trabalhadores manuais. Necessita de formas de superexploração da força de trabalho, servindo-se de elementos tradicionais étnico-culturais e de nacionalidades variadas, de imigrantes que alimentam mobilidades sociais, que “vieram pra trabalhar unicamente”, como nos disse um líder do grupo de senegaleses. Por isso, submetem-se a situações muitas vezes precárias de vida e de relações de trabalho.

A desqualificação e os estereótipos negativos que são produzidos tendem a fortalecer a ideia do intruso (RAMOS, 2003; WIEVIORKA, 2002). Não podemos esquecer que senegaleses são negros, pouco conhecidos na realidade regional (a própria região não viveu ainda experiências mais amplas de presença de imigrantes), de religião muçulmana, num período em que vem se produzindo em vários países do mundo, em particular ocidentais, representações negativas em relação à mesma. Isso tudo, somado a um mercado de trabalho reduzido, leva a que imigrantes sejam explorados em nível ou com maior intensidade em relação a outros trabalhadores autóctones de atividades similares.

O idioma é um grande empecilho para os processos integrativos e interculturais no âmbito do trabalho e no convívio social. Isso foi revelado por todos os entrevistados. Um imigrante comen-

tou que se comunica por meio do “diálogo de mudos, por gestos com as mãos, o corpo e os objetos”. A língua permite contatos, encontros, maior visibilidade e entendimento do outro. Se não há isso, preconceitos e estranhamentos são evidenciados e produzem distanciamentos. Não há dúvida de que a correlação entre língua e cultura, por exemplo, torna-se cada vez mais fundamental. A língua é um dos aspectos elementares desse processo; um dos primeiros obstáculos que um imigrante enfrenta quando se transfere para outro país; envolve o problema da comunicação, visão de mundo, historicidade, cultura de origem e seus símbolos cotidianos (hábitos). As formas de expressão linguísticas refletem e fornecem o acesso à cultura e, muitas vezes, constituem um modelo de cultura. A língua é um mediador cultural e define a competência comunicativa tanto para o estrangeiro quanto para o autóctone. Não conseguimos avançar mais na pesquisa, em especial nos questionários que distribuímos, pois muitos deles não quiseram responder porque não sabem ler em português. Um de seus líderes expressou: “Não adianta se eles não sabem ler, porque eles vão botar ‘não’ onde o correto é botar ‘sim’; eles têm receio de errar.”

Desse modo, o problema cultural hoje não é só no âmbito instrumental da língua, mas passa por ele, e deve ser acrescido pelo alargamento dos contatos, das ocasiões de comunicação e das experiências em comum, da solidariedade mais ampla, superando separações e divisões (WIEVIORKA, 2002).

Relações de trabalho: a dimensão central da vida do imigrante

Não há dúvida de que elementos econômicos fazem parte dos motivos da decisão de emigrar. A passagem de uma situação a outra com intenção de melhorar a vida, talvez instrumentalizada pelas questões de moradia, profissão para si e/ou filhos, segurança econômica, ser empreendedor, adquirir posses, passa a legitimar subjetivamente decisões migratórias. Por isso, o desejo em torno do trabalho é intenso e justifica sua presença na região, como declara um empresário:

Falam pouco e trabalham muito; [...] entre eles não há discórdia, fazem tudo com dedicação; são até invejados [...]; claro que não tratamos com diferença, mas nem com indiferença, a gente controla, mas dá pra ver que se dão bem, almoçam junto, aprendem umas palavras em português, dão muita risada; conversam entre eles numa língua que tu não entende, mas no trabalho falam pouco e se ajudam. Tem empregado nosso que se eu pudesse trocar por um deles eu trocaria, o meu medo é que eles desistem facilmente; então seguimos, mas dá pra vê que se fosse criar uma concorrência entre eles, dão show nos outros, são melhores, mais dedicados; a dedicação ao trabalho é invejável [...]. A remuneração é padrão, sem diferença.

A migração movimenta esse desejo e o migrante o procura, sujeitando-se ao cenário oposto do projetado para si

no futuro. O sonho é alimentado pela dimensão metafórica da viagem e produzido pela esfera midiática e relacional dos que já foram, por fenômenos da sociedade global e por novas concepções em torno das fronteiras físicas, culturais e linguísticas (MEIHY; BELLINO, 2008).

Um empresário que emprega senegaleses disse que “são bons”, porém confirma que sua “escolarização é baixa; um deles mal sabia escrever e ele era bastante fechado, não tinha um bom relacionamento com o instrutor, por exemplo”.

Praticamente todos responderam que possuem vínculos com familiares no Senegal (esposa, pais e avós). É por isso que a imigração não deve ser entendida só em relação aos que saem, mas também aos que ficam. Há projetos e sonhos de ambos, por isso a ação torna-se familiar, afetiva e econômica, envolvendo também os que não migraram (SALES; REIS, 1999).

Desse modo, os vínculos familiares vão se reconstituindo em espaços diferenciados. As saídas e permanências entre familiares revelam acordos internos, dinâmicas econômicas, sociais e afetivas, vínculos que vão se estendendo pelos territórios, porém conservando obrigações, moralidades e sentimentos de família. Um imigrante nos respondeu que tinha três mulheres, e fez questão de dizer que só é possível se “o homem for capaz de sustentá-las”. Por isso ele teria de “trabalhar cada vez mais”, encontrar “um bom emprego”.

Quase a totalidade dos imigrantes reside em pensões e pousadas. Alguns

residem próximo ao local de trabalho em cidades da região de Passo Fundo. Por isso há uma ligação entre trabalho e moradia. Todos reclamam das condições difíceis para alugar (burocracia, fiadores, desconfianças, temor do calote e o aluguel elevado), de residirem em pousadas sem as melhores condições de habitação, de ter locais onde poderiam “ter algo mais do que uma mala. A mala é o que fica quando saímos pra trabalhar no nosso quartinho”.

Os entrevistados fazem questão de dizer que, mesmo estando legais (temporariamente), com plenos direitos no mundo do trabalho e das locações, as portas não estão livremente abertas: “O [líder] vê isso pra nós, ele tem mais conhecido.” Há sempre um desejo sentido no outro (locador, contratador de trabalho) de desconfiança e de exploração na esfera do preço de ambas as realidades (aluguel e pagamento pelo trabalho realizado), por isso a importância e a necessidade de lideranças, de alguém que possa fornecer as informações necessárias, fazer mediações. Para tanto eles possuem lideranças de imigrantes que estão há mais tempo no Brasil e que falam o português. Os contatos para trabalho em geral passam todos pelas mãos dessas lideranças. As atividades são variadas, geralmente todas em âmbito de trabalhos e contratos temporários, com exceção, em parte, dos que trabalham na “sangragem” de frigoríficos. Estes possuem um *status* de “permanente” e um trabalho que os identifica pela nacionalidade e cultura religiosa, bem como os vínculos empresariais com a exportação de carnes para

países de cultura árabe. Na construção civil, metalurgia, construção e restauro de asfalto, dentre outras, a característica é de temporário. Segundo empregadores entrevistados,

eles trabalham bem, são dedicados; o problema é que eles não ficam sempre no serviço, num serviço só, não é; se alguém oferece um outro eles vão, te deixam sem te dizer nada, depois vem acertar, ou mandam um que é, acho, o chefe deles. Eles querem tudo correto, na lei, mas não podemos fichar todos porque o trabalho pode ser interrompido pela falta de verba; [...] se vem verba, tem trabalho, não veio, damos folga; essa é a questão; com carteira assinada é diferente daí, né. Fizemos contratos temporários; renovamos contratos diariamente com muitos [...]; reclamações existem na justiça do trabalho, mas é o risco, uns ficam um tempo como experiência (Empregador entrevistado em Passo Fundo).

Há reclamação de que “sobra pouco” do salário baixo; mas idealizam que, com o tempo, ganharão mais. Todos se consideram com potencialidade de empregabilidade, pois atuaram em várias atividades em outros espaços migratórios (Brasil, Estados Unidos, Espanha).

A mobilidade espacial é intensa. Se aparecer um trabalho melhor em outra cidade e/ou empresa da região, “eles não pensam duas vezes, vão”, afirma um empresário. As informações circulam entre eles e isso favorece bastante. Nesse sentido, afirma um empresário:

Temos sempre uns trabalhando; isso de dois anos quando assumimos o ramo da [...]; eles são bons trabalhadores; [...], um leva outro pra trabalhar, pra ver se encontra emprego em tal dia; são muito unidos [...]. A língua é que é difícil; por gestos, algumas palavras eles compreendem; tem de ter paciência, mas eles realizam bem o trampo; são fortes, dedicados, precisa qualquer hora, tão disponível, vieram aqui pro Brasil pra trabalhar, então é isso que eles querem fazer e, pra nós até então fazem bem. O serviço é pesado; tem dos nossos aqui que reclamam de uma coisa ou de outra, eles, só se falam na língua deles, ou não o fazem porque não sabem falar, mas não ouvi nada ainda de reclamação de coisa alguma.

O imigrante sempre foi visto como um trabalhador dependente, que se vincula no mercado de trabalho remunerado, contratado por alguém, num espaço de baixa qualificação. É visto, concebido e projetado para ser, acima de tudo, força de trabalho não autônoma, como dependente, alguém que tem de trabalhar para outro alguém e tornar o trabalho otimizador para quem emprega. No caso de senegaleses na região, diz um empresário que “a vontade de realizar o desejo de ganhar dinheiro supera barreiras”.

Outro empresário afirma:

Eles te fazem sinal que fazem de tudo e fazem; claro que tem de ensinar, ver os que já fizeram tal coisa; já vimos uns que dirigem caminhão, trator, são soldador, têm prática em carpintaria; são bons mesmos; gente madura e que quer trabalhar. Já falei com o [...] pra pegar mais deles; eu ligo pra um deles e me manda gente, mas como te disse, um traz o outro, mesmo sem nós pedir;

se tem serviço já fica no eito, se não vai pra casa e volta no outro dia; esses verdadeiramente querem trabalhar, pra nós é bom; acho essa a maior qualificação, não adianta saber se não tem vontade. O nosso é trabalho pesado, não é moleza, mas eles topam tudo; tão longe de casa, compensam isso trabalhando. Pra eles não tem dia da semana, todos são de trabalho.

O recurso para a mão de obra imigrante reflete interesses e estratégias de atores econômicos e da sociedade hospedeira. Não podemos esquecer que os imigrantes são pessoas que atravessam múltiplas fronteiras; em geral não são vistos como pessoas que têm projetos, desejos de ir e voltar, permanecer e reconstruir suas vidas. Emigrar é cortar raízes, circular e preservar contatos. Ser um emigrante é estar conectado aqui e lá, e, ao mesmo tempo, nem aqui nem lá. No fundo, é um pluripertencimento aos territórios e às redes nacionais, do interior do país (AMBROSINI, 2008). Os imigrantes, de uma forma geral, estão incorporados em setores secundários do mercado de trabalho.

Os senegaleses têm *status* legal de temporário (permissão para ficar no país até dois anos), com possibilidade de renovação por critérios jurídicos e sociais (BRASIL, 2011). Desse modo, a noção de “temporário” leva a que eles tenham de trabalhar ao máximo para obter recursos financeiros, não busquem se integrar aos processos sociais de seus vínculos geográficos. Na realidade, são sujeitos reterritorializados parcialmente e, no mundo do trabalho, com tendência de maior exploração e precarização de relações, tempos, espaços, atividades e remunerações.

Envio de dinheiro e empreender: horizontes que alimentam a decisão de emigrar

Sobre as rendas (ganhos e sobras) para sustentar familiares no Senegal, as respostas foram unânimes: “O salário é baixo e sobra pouco.” E justificam dizendo que

o que compensa é que aqui temos trabalho, não ficamos parados, só que nem hoje que chove, daí, sim, muitos ficam sem trabalhar, mas trabalho tem, por isso estamos e escolhemos Passo Fundo; aqui tem trabalho; o salário é baixo, mas é melhor do que no Senegal [...]. Dá pra mandar um dinheiro há cada dois a três meses.

As remessas financeiras mantêm vivas as relações entre quem partiu e quem ficou, veiculam os imigrantes e os familiares que permanecem no local de origem, atestam a densidade emotiva e simbólica das relações familiares ou não que se mantêm (AMBROSINI, 2010; TOLENTINO, 2009). As remessas financeiras manifestam vínculos sociais de longa duração e contribuem para alimentar múltiplas relações que viabilizam os fluxos migratórios, expressam a consciência da distância e a frustração da impossibilidade de contato face a face.

É comum a ideia inicial do imigrante em ficar um tempo no país de destino e depois retornar, mas não é sempre assim que acontece. Alguns dos entrevistados desejam ficar “não muito tempo”. Vimos que é difícil delimitar tempos a

priori, pois essa realidade é dependente de um conjunto de fatores do campo de trabalho, família, integração, remuneração. Alguns entrevistados querem trazer a família e ficar para sempre, mas “depende do ganho”; outros acham que retornarão logo, pois o salário é baixo e as sobras são reduzidas. Na realidade, situações concretas de vida vão produzindo alterações e heterogeneidades, envolvimento e integração com a sociedade hospedeira, ou demonstram frustração do próprio projeto migratório, fato que revela ser incerto o futuro do imigrante.

Trabalhar intensamente para sobrar dinheiro e enviá-lo para os familiares e/ou para empreender correlaciona-se com moral familiar, com o “dever de família” (RAMOS, 2003). Assim, transforma o imigrante num sujeito econômico transnacional. Nenhum senegalês informou que investe em Passo Fundo. Há os vendedores ambulantes que vendem mercadorias nas ruas e casas a partir de relações comerciais que estabelecem; em geral provenientes de São Paulo, não são produtos étnicos, ou seja, não possuem identidade com o grupo; são, sim, os vendidos em pequenas lojas e/ou no comércio informal da cidade e região. Poucos conseguem investir. A maioria informou que dá para sustentar a família; quando fazem algum investimento, é no país/local de origem. O sacrifício em fazer poupança em outro país é sinônimo de possibilidade de investir no local de origem.

Essa lógica entre parcimônia num local e investimento no outro é lugar comum em meio aos imigrantes, processo

que auxilia na vida distante, permite sobreviver a situações adversas. Esse processo propicia fluxos constantes no interior do grupo doméstico.

Grande parte dos senegaleses na região de Passo Fundo emigrou sem membros da família e declara-se solteira. Ainda que imigrantes tenham emigrado sozinhos, não significa que o motivo e importância da família não estejam presentes. Não conseguimos avançar muito nos formatos de família dos senegaleses, já que muitos com condições financeiras podem ter várias mulheres e, portanto, filhos com todas. Um empresário entrevistado comenta que ao argumentar sobre salário junto aos senegaleses estava sempre presente a necessidade de enviar dinheiro para a família: “Eles achavam o salário baixo porque têm compromisso com suas famílias de enviar dinheiro”.

Há um conjunto de elementos envolvidos na emigração de indivíduos em que as famílias, mesmo ausentes, estão presentes. É comum ouvir falar que “primeiro chegam os braços, depois chegam as famílias”. Na realidade, há mulheres que migram e reagrupam maridos, mas há maridos que reagrupam mulheres, como regra mais geral ainda. Nessas realidades, a presença de filhos é fundamental no interior da família. Um senegalês, ao ser perguntado sobre a vida afetiva distante, disse que se estivesse namorando, “teria deixado o namoro”; se fosse casado, “não teria coragem de vir” e jamais “deixaria sua mulher vir sozinha”. Outro disse que a “saúde é grande; telefonamos todos os finais de semana; quem tem internet a usa para matar a saudade, mas o geral é o telefo-

ne daqui pra lá que, mesmo caro, é mais barato do que de lá pra cá”.

Os imigrantes mantêm relações mais fáceis e mais além do pragmatismo com a pátria-mãe e ao mesmo tempo estão em processo de aculturação na sociedade de destino. Desse modo, não dá mais para analisar a vida dos imigrantes apenas no que acontece no interior da sociedade maior, nos confins nacionais. Relações afetivas e familiares são recodificadas, redimensionadas e ressignificadas. Esses processos de reconstrução obedecem às condições efetivas e limitadas que o próprio cenário migratório apresenta. Dois senegaleses nos disseram que pretendem ficar ao máximo no Brasil sem retornar, pois a viagem custará em torno de meio ano de trabalho, pois além dos custos financeiros, há a necessidade de permanecer por um ou dois meses junto aos familiares e, sem trabalho. Logo, isso também é visto como prejuízo. “Se aguentar, só voltarei daqui uns cinco anos.”

Muitos tentam compensar essa ausência trabalhando bastante, enviando dinheiro para os que se responsabilizam com os filhos. Nesse horizonte relacional “transfronteiriço”, vínculos continuam persistindo bem, como intimidade e afetividade a distância, facilitadas pelas novas tecnologias de comunicação.

Enfim...

Insistimos no fato de que as migrações internacionais revelam muita coisa da sociedade contemporânea. Nos processos migratórios, famílias, culturas, línguas, afetividades mais amplas, ter-

ritórios, economias, dentre outros processos estão envolvidos. Como diz Kurz (2005), não é mais possível imaginar ilhas de prosperidade isoladas do resto do mundo, dos problemas desse. No fundo, as migrações revelam, atestam, apelam e dinamizam mudanças em vários âmbitos, mas em especial nas formas de integração social e nos pressupostos do desenvolvimento econômico mundial. A emigração é a válvula de escape de grandes contingentes populacionais empobrecidos e subalternizados em outros horizontes (BAUMAN, 2003).

Enquanto a macropolítica atua “por cima”, os imigrantes acionam vínculos, estratégias e ações “por baixo” (AMBROSINI, 2008). Não são horizontes dicotômicos, nem que se excluem; estão ligados por mediações, estruturas e canais que interagem entre si. Os horizontes afetivos que se expressam entre famílias, conacionalidades, amizades e interconhecimentos são viabilizados também por sistemas de comunicação informacionais, assim como o são os rituais e crenças religiosas (PACI, 2005).

A imigração revela sujeitos com potencialidades para empreender, desafia situações não tão claras e, em determinadas circunstâncias, adversas vividas pelos sujeitos que as viabilizam. O desejo de ganhar dinheiro, as obrigações morais familiares, a necessidade de agrupamentos e solidariedade, a constituição de redes e vínculos sociais, a busca de amparo junto a órgãos públicos (como visto em Passo Fundo pelos senegaleses) revelam o dinamismo de reconfigurar a vida do imigrante em sociedades diversas. A necessidade de

trabalhar, poupar para investir e/ou cumprir obrigações morais, econômicas e de *status* na família e de seu meio social faz dos imigrantes recursos funcionais, pragmáticos e otimizadores para quem os empregam. As transformações no mundo do trabalho (desregulamentação, desassalariamento, dessindicalização, informalidade, *part-time* etc.) se adequam em cheio nas relações de trabalho dos imigrantes.

A dimensão econômica que envolve a vida e a presença de imigrantes deve ser acompanhada de outras. Eles possuem família, vida social, cultura e valores ético-morais, consciência, experiência e dignidade, portanto, não são apenas portadores de trabalho.

Nessa nossa singela análise sobre senegaleses em Passo Fundo e região, buscamos apresentar alguns aspectos que constituem suas vidas. Enfatizamos ser uma realidade recente, que chama a atenção, desafia-nos a entender os processos que tal realidade envolve. Pudemos constatar que esse grupo de imigrantes não está muito integrado à sociedade regional, está, sim, inserido no mundo do trabalho, e isso é o que justifica suas ações e presença; há certa demanda social em torno do campo religioso, de espaços de habitação adequados e mais baratos, de remuneração mais satisfatória no espaço do trabalho. Os senegaleses demonstram ter qualificações no mercado de trabalho que os absorve; é um grupo que se caracteriza pela mobilidade geográfica em termos regionais e no interior do país; expressa ainda muita desconfiança e curiosidade na população local.

Desse modo, são todos aspectos que demonstram que os imigrantes não são invisíveis. Com os recursos que possuem, eles tentam encontrar espaços numa sociedade que ainda não está preparada para acolhê-los para além dos espaços funcionais do trabalho. Vimos que múltiplas intencionalidades alimentam as estratégias dos imigrantes: há os que querem permanecer e “fazer a vida por aqui”; há os que pretendem transformar a experiência migratória numa passagem, de uma situação econômica para outra, de preferência para melhor; outros que adotam horizontes de mobilidade entre os dois países em momentos que são considerados mais maximizadores em termos de ganhos e de atividades. Na realidade, os imigrantes revelam que os territórios são móveis, assim como são culturas e pessoas. Isso se manifesta em múltiplos processos, atividades, situações, correlações, intercâmbios e vínculos.

Nesse sentido, a imigração, se ainda não o é, poderá ser uma ocasião de enriquecimento social, de consciência da existência de capitais distribuídos socialmente, de um patrimônio cultural, muitos deles milenares. Estes poderão enriquecer a todos, através das línguas, culturas, credos, raças, saberes, representações simbólicas, mitos, valores e costumes.

Senegalese people in the north of Rio Grande do Sul: cultural integration, work and international migratory dynamics

Abstract

The article examines aspects of the presence of Senegalese immigrants in the region of Passo Fundo - RS, with particular emphasis on the horizon of the work and processes of social integration that is producing this new reality. The current migration of Africans to Brazil, was stimulated by the “law of amnesty” and shows the presence of this country in a process of productive restructuring macro structural international. In theoretical terms, the debate on international migration is a social phenomenon “natural,” inherent in human behavior, but is limited to the impositions of the state, which has the power to allow or not allow anyone to cross its borders (boundaries) as well as the cultural limitations of belonging and being accepted. To illustrate the theoretical question, we carried out a field study in Passo Fundo, with Senegalese migrants in the second half of 2010, with a qualitative approach. The results indicate that the presence of Senegalese in this region is recent immigrants and the group is not very integrated in cultural terms to the regional society, but rather the world of work.

Keywords: Senegalese. Social integration. Work.

Referências

- AMBROSINI, M. *Un'altra globalizzazione*. La sfida delle migrazioni transnazionali. Bologna: Il Mulino, 2008.
- AMBROSINI, M. *Richiesti e respinti*. L'immigrazione in Italia. Come e perché. Milano: Il Saggiatore, 2010.
- BAUMAN, Z. *Intervista sull'identità*. Bari: Laterza, 2003.
- BECCEGATO, L. S. (a cura di). *Interculturalità e scienze dell'educazione*. Bari: Adriatica, 1995.
- BRASIL. Decreto n. 6.893/2009. Regulamenta a lei n. 11.961, de 2 de julho de 2009, que dispõe sobre a residência provisória para o estrangeiro em situação irregular no território nacional, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 3 jul. 2009.
- BRASIL. Câmara de Comércio e Indústria Brasil Iraque. Exportando para o Iraque: estudo com... 2009. Disponível em: <http://www.brasiliraq.com.br/cms/arquivos/exportando_para_o_iraque_vf.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2010.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Estatísticas. Coordenação Geral de Imigração. Estatísticas, 2011.
- CARDOSO, A. F. *Migrações internacionais: os blocos regionais e a mobilidade mundial de mão-de-obra*. São Paulo em Perspectiva, v. 16, n. 2, p. 112-124, 2002.
- CMMI. Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais. As migrações num mundo interligado: novas linhas de ação. Relatório da Comissão Mundial Sobre as Migrações Internacionais. Trad. da Fundação Calouste Gulbenkian, out. 2005.
- DECIMO, F. *Quando emigrano le donne*. Bologna: Il Mulino, 2005.
- FILLION, L. J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. *Revista de Administração de Empresas*, v. 39, n. 4, p. 6-20, 1999.
- FUSCO, W. *Redes sociais na migração internacional: o caso de governador Valadares*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.
- KURZ, R. Barbárie, migrações e guerras de ordenamento mundial. In: SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes (Org.). *Travessias na desordem global*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 25-36.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- LOCHAK, D. *Immigrés sous controle*. Paris: Le Cavalier Blue, 2008.
- MARTES, A. C. B.; SOARES, W. Remessas de recursos dos imigrantes. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 41-54, 2006.
- MEIHY, J. C. S.; BELLINO, R. R. *O estado dos imigrantes: o 28º estado brasileiro - um mercado de US\$ 50 bilhões*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- PACI, M. *Nuovi lavori, nuovo welfare: sicurezza e libertà nella società attiva*. Bologna: Il Mulino, 2005.
- PALMAS, L. Q. Explorando le migrazioni dall'America Latina. *Studi Emigrazione, Roma*, anno XLI, n. 154, p. 243-246, Giugno, 2004.
- PATARRA, N. L. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p. 7-24, 2006.
- PROCACCI, G. Le nuove sfide della cittadinanza in um mondo di immigrazione. *Rassegna Italiana di Sociologia*, Anno L, n. 3, p. 409-432, giul./set., 2009.
- RAMOS, P. S. *Hospitalidade e migrações internacionais*. O bem receber e o ser bem recebido. São Paulo: Aleph, 2003.
- REIS, R. R. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 5, p. 149-164, jun. 2004.

RIBERT, E. *Liberté, égalité, carte d'identité*. Paris: La Découvert, 2006.

SALES, T.; REIS, R. R. (Org.). *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SAYAD, D. *L'immigrazione o i paradossi dell'alterità*. L'illusione del provvisorio. Verona: Ombre Corte, 2008.

TOLENTINO, N. C. Migrações, remessas e desenvolvimento: o caso africano. *Socius Working Papers*, n. 09/2009. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa, maio, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.5/1884>>. Acesso em: 15 jan. 2011.

WIEVIORKA, M. *La differenza culturale*. Una prospettiva sociologica. Roma-Bari: Laterza, 2002.